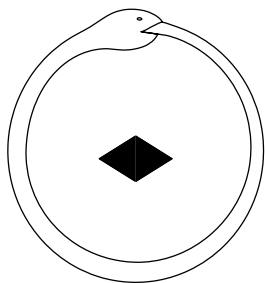


SUBJETIVAÇÃO RADICAL
DO MUNDO
Eduardo Viveiros de Castro



cadernos
SELVAGEM



SUBJETIVAÇÃO RADICAL DO MUNDO

Eduardo Viveiros de Castro

Este caderno é a transcrição de um trecho da entrevista concedida por Eduardo Viveiros de Castro ao Grupo Comunicações da Comunidade Selvagem em 16 de agosto de 2023 no âmbito do lançamento de 'Partículas Particulares', conversa na rede entre Eduardo e Ailton Krenak, disponível [aqui](#). A entrevista completa será publicada na [ARCA](#) no dia 19 de outubro de 2023.

A capa deste caderno é uma obra de Carlos Vergara, "Série Kari'oka", 2023

Ciência com "C" maiúsculo é uma coisa que não existe, a rigor. O que existe são ciências, e cada ciência com "c" minúsculo tem seu método, seu objeto, seus critérios de racionalidade, seus modos de observação e experimentação, seus modos de relação e de construção do objeto, etc. E elas são muito diferentes entre si. Ainda se encontra por aí a ideia de que a física é a mãe e o modelo das ciências, que ela é a Ciência. Há uma frase famosa de um físico do final do século XIX, não lembro se era Lord Kelvin: "O que não é física é serviço social". Ou seja, ciência que não for física e não tiver uma tradução na linguagem matemática não é ciência.

Se fosse mesmo assim, não iria sobrar muita coisa, pois poucas disciplinas, saberes ou campos de investigação se prestam, de fato, a serem traduzidos na linguagem da física matemática. Os saberes tradicionais intersectam de muitas maneiras com os saberes produzidos pelas disciplinas científicas modernas em várias áreas, sobretudo nas ciências da vida. Sem falar no campo coberto pelas ciências sociais, campo no qual os saberes tradicionais se mostram, em vários sentidos, muito mais avançados do que as ciências ocidentais. Mas, sem dúvida, a orientação

epistêmica global da maioria dos povos indígenas do mundo seguiu numa direção diversa daquela tomada pelas ciências modernas desde o século XVII, desde Galileu.

É uma outra maneira de se relacionar com o mundo. Ao adotarmos a ideia do conhecimento científico, que envolve a separação radical entre sujeito e objeto, para evitar que se projete no objeto características do sujeito, consideramos que um conhecimento objetivo existe quando é possível reduzir o que você conhece a processos mecânicos, ou melhor, processos matematizáveis. Para a sensibilidade moderna média, ocidental, apenas aquilo que se consegue reduzir a processos matematizáveis, de preferência interações físico-químicas, é considerado um objeto legítimo de ciência. O que não se consegue, vai ser colocado na esfera da “política”, por exemplo, ou da “moral”. Política e moral são domínios que escapariam, assim imaginamos, a essa possibilidade de redução. Ainda que haja um sonho muito frequente, especialmente por parte das ideologias tecnófilas, isto é, tecnocráticas, de que um dia será possível matematizar a moral, reduzir a política a equações e identificar a consciência humana a estados energéticos de uma rede neural — coisa que não se conseguiu até agora e que possivelmente não vai se conseguir tão cedo, talvez nunca.

O conhecimento indígena, de certa maneira, é um pouco o contrário. A ciência indígena, no sentido mais geral da palavra ciência, é um saber que tende a considerar o mundo antes de um ponto de vista político e não exclusivamente físico. As relações com os demais viventes, com o ambiente em geral, isto é, com o que chamamos de “natureza”, não se distingue radicalmente, ontologicamente, das relações inter-humanas, isto é, relações ético-políticas. No caso dos povos indígenas, é possível dizer que todas as relações *significativas* são políticas; o que não se consegue pensar (e agir sobre, agir com, interagir) como relação política passa a ser, de uma certa maneira, insignificante. Para nós é o oposto: a ciência (a física matemática e seus derivados) é o padrão-ouro do conhecimento. Portanto, aquilo que não consigo traduzir em uma equação ou em uma interação entre partículas e forças não é “realmente” científico.

O saber indígena concebe o mundo inteiro como uma grande sociedade, enquanto nós concebemos a sociedade humana como um mundo

dentro do mundo, um império dentro de um império, como disse Espinosa. Só os humanos têm consciência, só os humanos têm cultura, ou, como se dizia antigamente, só os humanos têm alma. Fomos criados à imagem e semelhança e tal, etc... só nós. Eu sempre brinco, dizendo que essa coisa de que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus... suspeito que Deus fala isso para todo mundo: fala isso para os jacarés, para as tartarugas, diz isso para os leões, para os micróbios... Diz isso para todo mundo, mas os humanos acham que é só para eles.

O saber indígena é um saber político e um saber estético. E o nosso é um saber mecânico e físico. Em que sentido? No sentido do tipo de saber que é valorizado como via régia para a verdade do real. Onde surge a distinção entre as ciências da natureza, as “ciências duras” e as ciências — o quê? ciências moles? As *hard sciences* são as ciências de/da verdade, são as ciências da matéria. As ciências do espírito, as ciências da política, da cultura, são pseudociências, como diz um livro recente de pseudo-filosofia da ciência, livro que é um verdadeiro prodígio de ignorância e preconceito¹.

O xamã, que é o “sujeito do saber” indígena, opera até certo ponto ao contrário do nosso cientista (ou do que os leigos imaginam ser a atitude definidora do cientista). O xamã deve determinar, ou encontrar, o núcleo subjetivo oculto dos objetos, dos seres em geral, discernir sua condição de agente, de centro de intencionalidade. Nossa vulgata epistemológica, ao inverso, entende que “fazer ciência” é encontrar o que há de objetivo no mundo, inclusive naqueles que admitimos como sujeitos, isto é, outros humanos (e alguns outros animais privilegiados). Para nós, a forma do outro, do que há a conhecer, é a Coisa, ao passo que, para os povos indígenas, a forma do outro, aquilo com que o xamã se confronta, aquilo que o pensador indígena considera, essa forma é a Pessoa. O xamã se interessa em determinar a potência intencional que há por trás do acontecimento — da doença, do encontro com um espectro, da seca que se abate sobre seu povo, etc. —, que tipo de agência pessoal existe ali. Para nós, ao contrário, é preciso retirar a intencionalidade do mundo para poder entendê-lo (e dominá-lo).

1. *Que Bobagem! Pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério*, de Natália Pasternak e Carlos Orsi.

Antigamente tudo tinha, como se diz, “alma”. Mas o clube de proprietários dessa propriedade foi minguando. A ciência cancelou a alma das pedras, das plantas, depois dos bichos e dos mortos. A propriedade da alma agora está restrita aos humanos vivos. Um dia, quem sabe, conseguiremos prescindir da alma (isto é, da pressuposição de uma interioridade intencional) para o caso dos humanos. Alma, cultura, cognição, ideologia, como se queira chamar. O ideal moderno de conhecimento é uma descrição e explicação do mundo sem o recurso à ideia de intenção, de sujeito, de mente ou de espírito. O ideal da ciência moderna — da ideologia da ciência moderna — é a dessubjetivação absoluta da realidade. Vejo o conhecimento indígena como apostando exatamente no inverso, na subjetivação radical do mundo. O que não quer dizer que tudo seja subjetivável, assim como para nós nem tudo (ainda não) é objetivável. Se você não é um médico e não está trabalhando com o corpo da pessoa, você vai tratar a pessoa como proprietária de uma “mente” (nome moderno da alma). Se você é um médico que está operando, você vai tratar a pessoa essencialmente como um veterinário trata um cavalo, porque, do ponto de vista cirúrgico, é exatamente a mesma coisa. Se você está conversando normalmente com uma pessoa qualquer, você vai tratá-la como se ela fosse uma pessoa como você e, portanto, você vai projetar, vai especular sobre o que ela está pensando, quais são as suas intenções, o que ela está pensando sobre o que você está pensando e assim por diante. “O que é que ela tem em mente, por que ela está fazendo isso?”.

Existe uma diferença, uma bifurcação radical no conhecimento humano, na maneira como as sociedades humanas exploraram o mundo, o ambiente que as circunda, que é a ênfase radical na matéria, concebida como inerte, indiferente e passiva de um lado e, do outro lado, uma interpretação dos seres outros-que-humano a partir do modo como se interpretam as relações humanas. O xamanismo, a mitologia, por exemplo — que é um correspondente, um análogo, da nossa ciência, da nossa filosofia — é muito mais simpático a uma percepção estética do mundo, uma apreciação estética e política, enquanto, para nós, a estética ou a arte são uma província. Para a moderna ideologia da Ciência, a arte é uma espécie de reserva ecológica do que Lévi-Strauss chamou de “pensamento selvagem”, que é o pensamento humano antes, ou fora, de sua

domesticação pela busca de rendimento, lucro e domínio. A arte pode existir só ali dentro dessa reserva, ali dentro se pode, enfim “isso é coisa de artista”. A oposição fundamental entre o artista e o cientista: a arte é uma coisa, a ciência é outra; a política é uma coisa, a ciência é outra.

E a prova que, para nós, a política é uma coisa e a ciência é outra é que nós sabemos perfeitamente, do ponto de vista das ciências pertinentes (climatologia, geoquímica, etc.), o que está acontecendo com o planeta, mas não temos a menor ideia de como resolver isso politicamente. Sabemos exatamente todas as coisas que estão acontecendo, o acúmulo de CO² na atmosfera, o aquecimento dos oceanos e a subida do nível do mar, o derretimento das geleiras, o ciclo de carbono, o ciclo do fósforo, do nitrogênio, a taxa de extinção da biodiversidade e por vai toda a catástrofe afora. Do ponto de vista científico, o estado do planeta está perfeitamente equacionado. Mas o que fazer em relação ao estado do planeta, não temos a menor ideia. Politicamente não temos a menor ideia de como é que vamos sair dessa. Sabemos que temos que parar de usar petróleo. Como vamos parar? Vai convencer quem a parar? Vai convencer o Novo PAC²? Vai convencer a Shell? Não vamos explorar petróleo na foz do Amazonas? Para nós há uma distância infranqueável entre a ciência e a política. Do ponto de vista dos povos indígenas, não há essa distância. O conhecimento é imediatamente político. Os animais são outros agentes políticos dentro do mundo em que vivemos. É preciso ter mais clareza sobre o que entendemos como “científico”. Há, na verdade, um certo conjunto de práticas modernas (e várias extra modernas) de observação, experimentação, dedução e generalização que tem efeitos extremamente benéficos, indispensáveis em vários sentidos. E há outros saberes, com outros pressupostos epistêmicos, que têm outros efeitos igualmente necessários, igualmente benéficos, mas que operam em outros planos da existência humana. Tente resolver um problema de depressão, um problema familiar, um problema da sua vida, um problema amoroso com os recursos da biologia para ver se resolve. No máximo vai acontecer de você ficar viciado em algum tipo de fármaco... Aliás, se você quiser usar um fármaco, vários dos melhores foram

2. Programa de Aceleração do Crescimento, programa do governo federal brasileiro que engloba um conjunto de políticas econômicas.

desenvolvidos pelos povos indígenas. São os fitofármacos dos quais os povos indígenas das Américas são os maiores especialistas do planeta. Inúmeras drogas com ação sobre a consciência (e o inconsciente) vieram da Amazônia, das Américas em geral; até o tabaco veio daqui. Então, do tabaco à ayahuasca e ao peyote, é tudo invenção desses povos que nós dizemos que não têm ciência. Quem foi que descobriu essas drogas psicodélicas que a medicina psiquiátrica está descobrindo que podem ser fundamentais? Quando é que descobriram que a *Cannabis* funciona para uma porção de condições patológicas? A evidência do baseado — desculpem o trocadilho infame — foi redescoberta pela ciência “baseada em evidências”... A ayahuasca, veja só... A mescalina, a psilocibina... A farmacoquímica indígena é muito sofisticada; eles também têm ciência, só que a ciência deles está orientada para outro horizonte. Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõem esses que se acham os reis da cocada preta, os donos do saber. E não são.



Carlos Vergara

Série Kari'oka

2023

Monotipia e pintura, acrílica e pigmentos naturais sobre lona crua

137 x 143 cm

EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO

Antropólogo, escritor e professor. É referência em estudos voltados para os povos indígenas, em especial no contexto das culturas amazônicas, sendo responsável por contribuições teóricas como o conceito de “perspectivismo ameríndio”. É autor de *A inconstância da alma selvagem* (Cosac & Naify, 2002), *Metafísicas canibais* (CosacNaify & n-1 Edições, 2015) e *Há mundo por vir?* (Cultura e Barbárie, 2014), entre outras obras.

CARLOS VERGARA

É artista plástico e possui uma obra extensa e consistente, que vem produzindo desde os anos 1960. Seu trabalho está presente em diversas instituições, como o Instituto Inhotim, MAM SP, MAM Rio, Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Pinacoteca de São Paulo, Fundação Gulbenkian (Lisboa), entre outras importantes coleções. A Conversa na rede *Partículas particulares* foi gravada em seu ateliê no Rio de Janeiro.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Mariana Rotili e a editoração de Isabelle Passos. Agradecemos a Andrei Brettas, Camila Reis, Camilla Dias, Clarissa Cruz, Cris Muniz Araujo, Roberto Straub e Zih Zahara, do Grupo Comunicações da Comunidade Selvagem, pelo preparo da entrevista e transcrição deste caderno e à Alice Faria pela revisão.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 4 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas.

Saiba mais aqui: selvagemciclo.com.br/colabore